

# DIÁRIO DE BORDO I:

na garupa de Rosa pelo sertão norte-mineiro

**A** Apesar da expressão “Nonada”, que dá nome ao roteiro, significar não é nada, o trajeto pelo sertão “na garupa de Rosa”, durante II Expedição Caminhos dos Geraes, nos revelou paisagens humanas e naturais indescritíveis. No entanto, pelas imagens do fotógrafo Solon Queiroz, vocês poderão vivenciar essa viagem. O sertão, como diria Rosa, é mesmo quando a gente menos espera.

Depois da largada, na Praça dos Jatobás, primeira parada Nova Esperança. A equipe se apresenta e discute o roteiro proposto. Seguimos até Mirabela, cidade conhecida pela famosa carne de sol. A tradição de deixar as carnes expostas ao ar livre, surgiu da falta de energia para conservar o produto, e, hoje, é defendida pelos açougueiros como o segredo para a grande procura. “É porque a carne toma sereno, o sol da manhã, o sol da tarde. Para curtir e ficar muito boa mesmo, ela fica quatro horas na salmoura”, afirma o açougueiro, Renato Soares Brito.

Em Japonvar, a equipe foi saudada com faixas e almoçou sob a sombra de um pequizeiro. No cardápio, não poderia faltar o pequi. O fruto do cerrado, como nos revela o presidente da Cooperativa dos Produtores Rurais e Catadores de Pequi, José Antônio Alves dos Santos, garante à cidade os menores índices de câncer do estado. “Numa pesquisa de

Brasília, o município de Japonvar é o que tem o menor índice de câncer. Algum caso raro é de pessoas idosas”.

O presidente explicou, ainda, o trabalho de conscientização desenvolvido na cooperativa:

“As pessoas, que eram excluídas, a gente está trazendo para a Cooperativa e estamos fazendo um trabalho de preservação e conscientização, que tem que preservar o Cerrado mesmo. Um pé de pequi desse aí feito carvão, não é nada, é carvão mesmo. E aí você tem pé de pequizeiro de mais de cem anos produzindo normalmente.”

O rio Mangaí é um dos afluentes do São Francisco. No trajeto até uma das cachoeiras de Japonvar, marcas da presença humana: pedaços de papel, garrafas plásticas e outros objetos chamam a atenção da equipe, que recolhe o lixo.

Na casa do seu Braz, morador mais antigo da cidade, a nossa chegada provocou algumas reações. Ele mostrou muito receio de que o tirássemos de onde nunca saiu. “Eu tô, eu acho, com cento e seis anos, eu duvido que tem quem tira eu daqui, eu vou morrer aqui”, afirmou Braz Antunes Aquino, morador do distrito de Mangaí.

---

1- Jornalista participante da II edição da Expedição Caminhos dos Geraes: na garupa de Rosa, uma promoção da Prefeitura de Montes Claros, por intermédio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e da Fundação Cultural Genival Tourinho, que conta com o apoio e a parceria do

Instituto Estadual de Florestas. Responsável pela produção de uma série especial de reportagens veiculadas de 20 a 24 de novembro de 2006 e mais um vídeo-documentário.  
2- Fotógrafo participante da II edição da Expedição Caminhos dos Geraes: Na garupa de Rosa.

Chegando a Lontra, o jornalista José Alves da Silva nos relatou a passagem de Guimarães Rosa por Umbuzeiro, município onde o escritor se admirou com a inteligência de um coronel.

“Pernoitou na casa dele (Coronel de Umbuzeiro). Inclusive, é um fato muito interessante que ele (Guimarães Rosa) passou a noite quase toda conversando com ele e na saída confessou para aquele Manoelzão, que andava com ele: um homem desses nesse Geraes”.

Seguindo o roteiro Nonada, estivemos em Januária, a terra do sol. Visitamos o Centro de Artesanato, um ponto de cultura que tem como objetivo estimular o resgate cultural entre os artesãos.

“O objetivo aqui é resgatar os artesãos de Januária e mostrar os trabalhos deles. Porque antigamente eles faziam, mas, porém não tinham oportunidade de mostrar os trabalhos”. (Edna Torres da Mota, vendedora do Centro de Artesanato).

O projeto Agente Cultura Viva é resultado de uma parceria com o Ministério da Cultura. O objetivo é estimular no jovem o interesse em começar uma profissão relacionada à cultura. Durante seis meses, cem adolescentes e jovens carentes de Januária, Cônego Marinho e Pedras de Maria da Cruz foram iniciados nas Artes Plásticas. O projeto foi coordenado pela professora e artista plástica Socorro Isidório:

“Vamos dizer que, num primeiro momento, eu fui agente cultura viva. Foi implantado um Ponto de Cultura, em Januária. Nesse segundo momento, que a gente está começando a trilhar, elas, as jovens, é que vão ser agentes cultura viva. Elas estão se aprimorando para, agora, dar oportunidade a outros jovens da cidade e região para que adentrem nessa área da arte. São jovens de origem humilde, que precisam de oportunidade dentro da sociedade, e a gente percebe que a arte é um canal de auto-descoberta, de reforço da auto-estima e, além disso tudo, é um canal de posicionamento dentro da sociedade.”

Dando seqüência ao projeto, os jovens se transformaram em agentes de cultura. “A partir de agora, eles é que serão multiplicadores dos saberes e fazeres que aprenderam”, afirma a coordenadora.

Achando que iria pintar natureza morta, Valéria de Souza se surpreendeu com o resultado dos trabalhos:

“Uma experiência muito boa. Porque, quando eu iniciei esse curso, eu não imaginava que iria pintar esses tipos de pintura, tão bonita, que eu nunca pensava que eu seria capaz de pintar. Eu achava que eu iria começar pintar flores, frutas, mas na verdade foi esse tipo de pintura e eu gostei”. (Valéria de Souza

Farias, agente de cultura).

A artesã Laís Eveline, que já produzia trabalhos em fibra de bananeira, está esperançosa com o projeto. “A expectativa é de que meu sonho se realize e que a gente possa seguir em frente, dando continuidade à nossa cultura”, afirmou com muita alegria.

Seguindo viagem em direção a Itacarambi, momentos de descontração dos moradores de Riacho da Cruz nos chamam atenção. Depois que cai a chuva, tão desejada pelos sertanejos, são formados poções de água utilizados como divertimento e, ainda, para executar os afazeres diários. E a felicidade desses sertanejos salta aos olhos. As simples palavras de dona Marlene revelam a alegria, que invade os corações dos geraizeiros, quando a chuva abençoa esse sertão.

“Muito bom pra gente tomar banho e ver alguma coisa, né?. Dar uma refrescada no calor, no cabelo e tudo fica bem, né?. Sempre nós estamos aqui, porque nós mora aqui. Então, a gente faz tudo. Por tudo, por tudo... Que coisa legal, coisa maravilha, ai que delícia, que bom pra nós.” (Marlene dos Santos, moradora de Riacho da Cruz)

Na entrada do Vale do Peruaçu, nas proximidades do povoado de Fabião, um conjunto de contrastes. Nas regiões mais altas, onde o sol e o calor são intensos, arbustos secos espinhudos dividem espaço com as frondosas barrigudas. Composto as belas paisagens: espécies nativas do cerrado como o Tamburil, utilizado para fazer embarcações, o Ipê, e até o Cedro, que apesar de mais raro, ainda, pode ser encontrado.

Chegando a Itacarambi, que quer dizer “pedra de duas caras”, nos surpreendemos com a beleza dos jardins e das praças temáticas. Em uma delas bancos especiais. Tem para viúvos, solitários, corcundas, namorados e, até, para os encalorados, com furos para se refrescar do forte calor. A cidade é motivo de orgulho para os moradores. “Aqui é bom eu gosto muito daqui. A cidade é pequena, mas é boa. Muita água, né, muito bom”, declarou Carmelita Martins Santana.

E a nossa viagem foi marcada pelo encontro com personalidades típicas desse sertão, como as lavadeiras do São Francisco com quem aprendemos o quanto o rio é importante. É ele que garante a sobrevivência de muitas famílias nas comunidades ribeirinhas. Do carmo afirma não pescar, mas diz entender bem de alma:

“Você pegou no ponto fraco. A alma é uma coisa melhor que tem no mundo. Você sabe porquê? Se você não tivesse ela, você não vivia, ou por ruindade, ou por maldade, ou com mentira ou com fuxico, ou com isso ou aquilo você não vivia sem ela. Minha vida sem o São Francisco seria nada, porque é a água que refresca nossos corações”. (Do Carmo, lavadeira)

Depois de muitos quilômetros de terra, uma equipe da expedição seguiu pelos ares. O sobrevôo pela aldeia dos Xacriabás e pelo município de São João das Missões foi acompanhado pelo cacique e prefeito José Nunes de Oliveira.

“Primeira vez que estou sobrevoando de helicóptero o meu município. Muita emoção”, declarou o cacique da Tribo Xacriabá e Prefeito de São João das Missões.

A descida do helicóptero, na aldeia dos Xacriabás, chamou a atenção das crianças que receberam os visitantes. A agricultura garante a sobrevivência de aproximadamente oito mil pessoas, que vivem na aldeia. Eles sobrevivem do que plantam e de algumas pequenas criações, como informou o vice-diretor da Escola Estadual Indígena Bukinuju.

“A maior parte, hoje, a gente já sobrevive da agricultura, do próprio trabalho. As pessoas, hoje, já às vezes planta, vive do plantio do milho e do feijão e algumas pessoas têm, cria algum, pouco gado, não é assim, só mesmo para sustentar”. (João Pinheiro, vice-diretor).

De acordo com João Pinheiro, como em quase todo o sertão, a aldeia também sofreu as conseqüências do desmatamento indiscriminado, que diminuiu a vazão dos rios.

“Nossa reserva foi bastante desmatada. Assim, na época das invasões foi muito desmatado, para o plantio do capim. Hoje, o pessoal já tão mais deixando. As matas tão voltando de novo quase o que era antes, mas ainda tem essa, ainda, temos vivido esse problema da água”.

Quem relembra as vitórias da comunidade indígena é o índio Emílio Xacriabá, que se orgulha das conquistas da aldeia, apesar da luta enfrentada para educar todo o povo.

“Que nós não tinha, aqui, ninguém que sabia ler. E hoje nós já tem professor, tem diretor, tem secretário de educação, nós tem muita gente aqui graças a Deus, que hoje nós pode falar, agente de enfermagem nós tem aqui. Isso é uma coisa boa que nós pode contar.” (Emílio Lopes Xacriabá, Líder Indígena)

Num momento de grande emoção, o índio cantou um dos hinos da tribo.

“Eu sou caboclo do mato e sou filho de natureza,  
eu sou caboclo do mato e sou filho de natureza,  
ê êi ai qui ri ri êi ai  
ê êi ai qui ri ri êi ai  
Sou filho de natureza do povo Xacriabá  
Sou filho de natureza do povo Xacriabá  
ê êi ai qui ri ri êi ai  
ê êi ai qui ri ri êi ai  
Através de essa música Tupã vem nos visitar  
ê êi ai qui ri ri êi ai  
ê êi ai qui ri ri êi ai.” (Trechos de uma das canções da Tribo Xacriabá)

Ao chegarmos à casa da índia mais velha da aldeia, ficamos admirados com a vitalidade da índia com 116 anos, segundo ela muito bem vividos. Indagada sobre o segredo de tanta vitalidade, Cina respondeu: “Procura aquele lá (com o dedo apontando para o céu “Deus”) só ele que sabe”.

A índia Maria Madalena lembrou a luta entre índios e posseiros pelo direito a terra e a persistência da comunidade indígena, apesar das muitas ameaças que sofreram.

“O direito que nós tinha eles desmataram tudo. Ai pai falou assim: cês roça e eu planto. Ele falou pro meu pai, assim: você planta e eu ranco. Tava igual a música do pássaro. Ai depois eles ficou. E o cacique sempre pedindo o meu pai para segurar e não desistir. Eles tomaram conta da nossa terra, das nossas águas, nós tomava banho no riacho, nos lavava vasilha no riacho, nós fazia tudo...” (...) Hoje, dá para nós viver em paz, o terreno nosso ta lá ta tranqüilo nós tem que trabalhar lá. Só não sai mais por causa de falta de chuva, porque a gente não tem irrigação aqui”.

Depois de reencontrarmos o restante da equipe, seguimos viagem por terra até a cidade de Manga. E com toda a magia que envolve o rio São Francisco “navegar é preciso”, mesmo que para isso, seja necessário improvisar um tanque de combustível. Reflexo da capacidade de criação dos geraizeiros, que sobrevive diante de todas as dificuldades.

Seguindo para Montalvânia, os desafios que enfrentamos diante das péssimas condições das estradas estimularam a aventura, num caminho com muita lama e buracos. Encontramos um lugar cercado de mistérios. Como um enigma que desafia estudiosos: desenhos desenvolvidos, apenas na Grécia, foram encontrados nas cavernas do município.

“Montalvânia surgiu com o idealismo de Antônio Montalvão, que como idealista, sempre foi uma pessoa altruísta, sempre brigou pela região dele, que naquela época era muito oprimida pelo coronelismo. Então, ele tomou as dores do pessoal, desse povo, para libertá-lo desse coronelismo, dessa prisão coronelística, que tinha naquela época. Então, quanto a isso ele quis fazer a cidade dele, fazer uma cidade e libertar o povo dessa prisão”. (Zelito Montalvão, filho de Antônio Montalvão, fundador do município).

Em Montalvânia, encontramos um meio de transporte bastante inusitado: o bicitáxi, único serviço do tipo no país. O preço dos fretes varia entre um e cinco reais. O responsável pela invenção é Wilson Almeida:

“Esse transporte eu inventei ele, há uns dez anos. Em 23 de março de 2003, eu realizei o sonho. Aqui, em Montalvânia, muitas pessoas utilizam o serviço. Fim de ano é o dia melhor que tem para mim. Porque fim de ano tem, até trinta ônibus num dia eu já vi chegar, por conta de tanta bagagem que vem”.

Continuamos na estrada, agora, com destino ao Parque Estadual Veredas do Peruaçu, muita estrada pela frente. No caminho, o encontro com espécies do Cerrado: como o cedro, a aroeira, o pau rego, o angico vermelho, utilizado para curtir couro, e uma espécie muito comum na região: a carne de vaca.

“O pessoal, quando ia matar os animais, aí, eles usavam a planta para cobrir o couro do animal. Eles tiram o couro de um lado e quando vai virar o animal eles usam as folhas para proteger, para não ficar na terra. Porque a folha dessa árvore não deixa cheiro na carne. Eles utilizam para isso”, explicou o gerente de Unidade de Conservação do Instituto Estadual de Florestas - IEF, Neilton Viana.

Momentos de heroísmo na expedição. O desassossego de um casal de pica-paus de cabeça amarela interrompe o percurso da equipe. Uma triste constatação: uma Jararacá invadiu o ninho com três filhotes e matou um deles. Os outros foram salvos, graças à coragem do fotógrafo Sólon Queiroz.

E depois de salvarmos vidas, um presente: a cachoeira do rio Japoré, em Miravânia, onde o rio corre entre pedras e matas nativas formando um véu de três quedas. Uma área de vegetação de transição entre Floresta de Cerrado e Mata de Galeria.

Nossa equipe, também, se defrontou com situações onde, provavelmente, a falta de informação tenha provocado o corte ilegal de espécies nativas como a sucupira branca, a piúna e o pequiheiro.

“Se tivesse conversado com o IEF e regularizado a situação, ele (suspeito pelo desmatamento) poderia ter feito a exploração respeitando as madeiras protegidas por lei”. (Rinaldo Souza, engenheiro florestal do IEF).

O engenheiro lembrou, ainda, a importância do trabalho de conscientização, desenvolvido pelo Instituto Estadual de Florestas - IEF:

“Um trabalho de conscientização para abrir a consciência da pessoa de como ela pode tirar e o que não pode, porque aqui tá misturado e com certeza se a gente tivesse uma possibilidade de instruir mais essas pessoas e conseguisse, que essas pessoas fossem até o IEF pra serem orientadas, elas fariam a mesma extração, de forma menos agressiva”.

Numa tradição passada de pai para filho, há vários anos, a cachaça Velha Motinha é produzida artesanalmente neste alambique.

“A tradição ficou de pai para filho. Meu pai foi para Januária e deixou aqui. Inclusive nesse município, aqui, só quem engarrafa é só eu, aliás, quase no Norte de Minas todo”, declarou Aldo Carlos da Mota,

proprietário de Alambique.

No percurso, o vislumbre das veredas, que como descreveu Guimarães Rosa: “de longe a gente avista os buritis e, já, sabe: lá se encontra água”.

“A presença dos Buritis, essa vegetação daqui para frente toda alagada e, se a gente tivesse vindo aqui mais cedo, de madrugada, teríamos visto também as espécies animais que caracterizam uma Vereda. Por exemplo, isso aqui provavelmente é um ninho de papagaio verdadeiro, que é uma espécie listada como ameaça de extinção. Tem outra Vereda, aqui dentro do parque, que tem outra espécie ainda mais rara e mais maravilhosa: que são as araras vermelhas e as araras azuis”, explicou a Superintendente Executiva da AMDA - Associação Mineira de Defesa do Ambiente - Maria Dalce Ricas.

No Parque Estadual Veredas do Peruaçu, existem as lagoas Junco, do Meio, do Cerrado e a lagoa do Jatobá onde habitam alguns jacarés.

Em Cônego Marinho, a beleza das cerâmicas na Olaria do Candéal. Nome que tem explicações diversas para o seu surgimento.

“Antigamente, tinha um maiador que tinha uma égua que chamava Candé e por isso que eles colocaram o nome, aí para não ficar Candé, acrescentaram o “al” e ficou Candéal. E a outra fala, que é devido as candeias, que o pessoal utilizava muito as candeias. Mas a versão mais aceita é essa da égua, que até pouco tempo se encontrava aqui ainda”, revela o morador Éder Ramos Costa.

Além das cerâmicas, o barro é utilizado na produção de tintas, que dão vida aos desenhos típicos do Candéal. A arte e a cultura dos remanescentes de quilombolas, que é motivo de orgulho no candéal, conta com o incentivo do município.

“A gente tá encaminhando eles (oleiros do Candéal) para as feiras. A Feira do Empreendedor, em Belo Horizonte, Encontro com os Povos do Cerrado, em Brasília. Então, a gente é o canal. O pessoal entra em contato com a secretaria a gente vem aqui faz as encomendas, ajuda no transporte, na alimentação e na hospedagem. É um suporte que a secretaria tá dando para eles”, afirmou a secretária de Cultura de Cônego Marinho, Soraia Durães.

Quem nos conta como aprendeu a produzir as peças exportadas para outros países é dona Emília.

“Na idade de uns 14 anos minha mãe me ensinou. Então, depois disso, a minha mãe morreu, aí eu fiquei sozinha com a minha avó. Ela foi me criar, acabar de me criar. Então, ela era artesanata, trabalhava também, e ela me ensinando. Aí depois que a minha vó

morreu eu fiquei, eu me casei, aí, eu já trabalhava sozinha, com as minhas peças. Tanto eu trabalhava para mim, como eu ensinava quem chegava”, lembra a oleira, Emilia Nunes de Souza.

No momento da criação das peças de artesanato, o batuque anima a olaria do Candéal. Uma dança tradicional que envolve oleiros e visitantes.

“No início começou só eu e Januário. Depois foi surgindo mais pessoas. As pessoas se envolveram no batuque e foi entrando cada vez mais. Então, como se diz: a entrada das pessoas para o batuque. Ninguém resistiu ao batuque”, afirmou entusiasmada com a alegria contagiante da música e do soar dos tambores, a oleira Nilda Farias.

“(…) Oh vem oh vem oh vem  
Oh vem enganador.  
Oh vem comigo venha,  
Um galhinho de fulô  
Se eu tivesse certeza que meu bem vinha aqui hoje  
Mandava varrer a rua semear pó de arroz (...)  
Larga seu marido mulher  
vem morar mais eu  
Seu marido é ruim mulher  
quem é bom é eu...” ( Trechos letras “Batuque” da Ollaria do Candéal)

Encerrando este diário proponho a retomada de alguns trechos do debate proposto por Costa, em outra edição desta revista, ao apresentar reflexões sobre a cultura sertaneja e geraizeira das populações tradicionais, que representam a síntese da nação brasileira:

“populações tradicionais são grupos culturalmente diferenciados que em sua trajetória histórica construíram e atualizaram seu modo particular de vida e de relação com a natureza, considerando a cooperação social entre seus membros, a adaptação a um meio ecológico específico e um grau variável de isolamento.” (...)

“Culturalmente, a sociedade norte-mineira se caracteriza e é reconhecida nacional e internacionalmente como sertaneja, em decorrência do escritor João Guimarães Rosa (1986) ter localizado no território regional o desenvolvimento da história contada no romance Grande Sertão Veredas. Mas sua condição de parte constitutiva do sertão não é uma construção

Roseana. Ela foi cunhada ao longo da história e da percepção da paisagem nacional, cindida entre litoral e sertão”. (...)

“Essa condição inferior começa a ser desconstruída com Euclides da Cunha em sua obra Os Sertões quando afirma que o cerne da nação se encontra distante do litoral”. (...) “da nossa Minas baiana de homens palradores, comunicativos. Minas das chapadas estereis a perder de vista, amplos horizontes, onde o homem corre e o pensamento voa.”

---

3 COSTA, João Batista de Almeida. “Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira”. Artigo publicado no Volume 1, número 3, do ano de 2006 desta revista.

#### *Referências Bibliográficas:*

ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do Cpdoc/Verena Alberti. – Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. 3 ed. Editora HUCITEC. São Paulo, 1997.

COSTA, João Batista de Almeida. Revista “Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: O Norte de Minas como síntese da nação brasileira”, In: Verde Grande V. 1, N. 3/2006. EDITORA UNIMONTES

\_\_\_\_\_. Mineiros e Baianeiros: Englobamento, Exclusão e Resistência. Brasília: Universidade de Brasília/ Departamento de Antropologia. 2003. Tese de Doutorado.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Campanha de Canudos. 39 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; São Paulo: Publifolha, 2000. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro.

ENTREVISTAS e depoimentos de moradores deste sertão Norte Mineiro, realizados no período de 16 a 19 de Novembro, do ano de 2006, durante a II edição da Expedição Caminhos dos Geraes.

GUIMARÃES ROSA, João. Grande Sertão Veredas. 36 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

